

# MORFOSSINTAXE DO CONECTOR *EXCETO X*: UMA ANÁLISE FUNCIONAL

*Fabiana Felix Duarte Moreira*

*Orientador: Ivo da Costa do Rosário*

Mestranda

**RESUMO:** As orações adverbiais de exceção não são contempladas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, e, apesar de alguns teóricos mencionarem as orações de exceção em seus compêndios, sua descrição é ainda incipiente. Este texto pretende, ao traçar um panorama dos usos do conector *Exceto X*, investigar seu comportamento morfossintático, no plano da conexão de orações, lançando, assim, luz ao tema. O instrumental teórico adotado para este trabalho tem como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que une a Linguística Funcional de vertente norte-americana à Gramática de Construções. Para esta análise, foi feita uma busca pelo conector *exceto* em textos de domínio jornalístico publicados *online*, publicados a partir do ano 2000. Nas ocorrências coletadas, verificamos o padrão construcional *Exceto X* instanciado nos seguintes *types* oracionais: 1) *Exceto que*; 2) *Exceto se*; 3) *Exceto quando*; 4) *Exceto + quando*. Acreditamos que essas microconstruções são estratégias de veiculação de conteúdos semântico-pragmáticos aparentados, mas, ao mesmo tempo, diferenciados. Os resultados parciais dessa pesquisa evidenciam a produtividade do conector *Exceto X* no português brasileiro, justificando, assim, o estudo desse fenômeno linguístico para contribuir com a descrição do plano de articulação de cláusulas.

**PALAVRAS-CHAVE:** morfossintaxe; conector; exceção.

## **Considerações iniciais**

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, que serve de base para a maioria das gramáticas normativas produzidas em nosso país, não contempla as orações adverbiais de exceção, provocando, assim, um hiato na descrição das chamadas orações adverbiais. Diante da quase inexistência de investigações acerca desse tipo de fenômeno linguístico no português do Brasil (PB), este trabalho tem como principal objetivo descrever a

---

construção *Exceto X*, em suas instanciações no PB, considerando seus contextos de uso. Para isso, é necessária uma análise do comportamento morfossintático da construção, no plano da articulação de orações.

Para este trabalho, os dados foram coletados a partir de uma busca pelo conector *exceto* em textos da modalidade escrita do domínio jornalístico publicados *online* nos portais do Jornal *O Dia* (<http://odia.ig.com.br/>) e da Revista *Isto É* (<http://istoe.com.br/>), entre 2000 e 2016. A metodologia adotada é mista, com análises tanto qualitativas quanto quantitativas. Nas ocorrências coletadas, verificamos o padrão construcional *Exceto X* instanciado em quatro *types* na integração de orações: 1) *Exceto que*; 2) *Exceto se*; 3) *Exceto quando*; 4) *Exceto + quando*.

O instrumental teórico adotado para este trabalho tem como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma teoria que agrega os pressupostos do Funcionalismo Clássico e da Gramática de Construções, unindo a funcionalismo ao cognitivismo. Esse modelo de abordagem se preocupa com a emergência e a regularidade das construções e as motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas implicadas nos usos desses padrões construcionais. (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013)

Na próxima seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados e a análise de dados propriamente dita, seguida das considerações finais e referências bibliográficas.

### **Procedimentos metodológicos e análise de dados**

Como já foi exposto no início deste trabalho, nosso objetivo é descrever e analisar o conector *Exceto X* em situações reais de uso. Para validar esta pesquisa, foram utilizados dados de língua escrita deste século. Os *corpora* selecionados para esta pesquisa são compostos por diversas matérias publicadas no portal *online* do Jornal *O Dia* e da Revista *Isto é*, gratuitamente disponível na internet. Como metodologia de trabalho, com base no mecanismo de busca eletrônica, coletamos as ocorrências oracionais de *exceto*, entre os anos de 2000 e 2016. Os dados utilizados para este estudo receberam um tratamento quantitativo, mas especialmente qualitativo.

É importante salientar que foram encontrados quatro dados com *exceto* seguindo de verbo no infinitivo. Sabemos da discussão teórica sobre a natureza de orações

---

instanciadas por verbos na forma nominal, dado que esses verbos já não possuem muitos dos traços inerentes à categoria verbal. Portanto, decidimos descartar estes dados nesta pesquisa.

Após a coleta de dados, nos deparamos com a construção *Exceto X* em três diferentes configurações morfossintáticas em que *exceto* está acompanhado de outro conectivo mais básico (*quando*, *se* e *que*) na forma finita. Além disso, notamos, a partir da análise dos dados coletados, a necessidade de controlar o modo dos verbos nas orações instanciadas pela construção *Exceto X*, como demonstra a tabela a seguir.

**Tabela 1 – O modo verbal junto ao conector *Exceto X***

<i>Exceto X</i>	<i>Realis</i>	<i>Irrealis</i>	Total
<i>Exceto que</i>	4	1	<b>5</b>
<i>Exceto se</i>	0	12	<b>12</b>
<i>Exceto quando</i>	20	8	<b>28</b>
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>21</b>	<b>45</b>

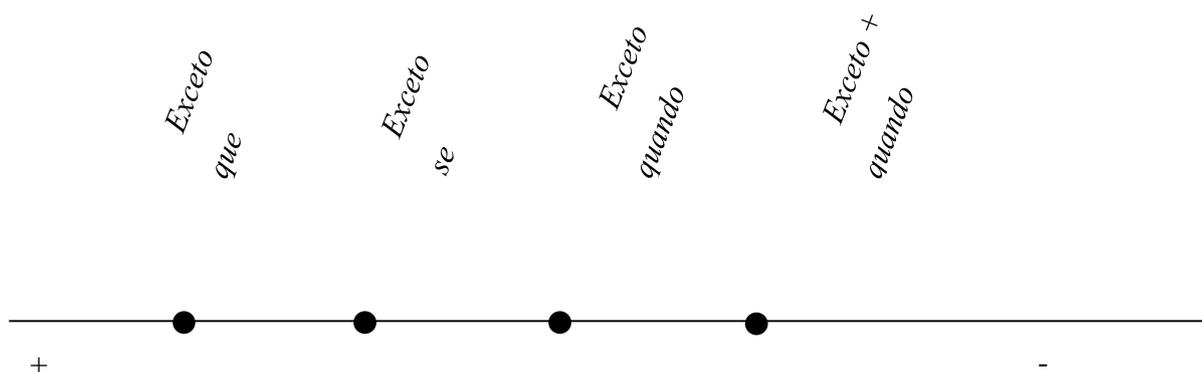
A tabela anterior nos mostra que a configuração morfossintática com *exceto* junto ao conectivo *quando* se realiza tanto no modo indicativo, quanto no modo subjuntivo. Entretanto, não se trata do mesmo conector nos dois modos, visto que são duas camadas (cf. HOPPER, 1991). De fato, *exceto + quando* (exceção + tempo) é utilizado no modo *realis*, ao passo que *exceto quando* (condicionalidade negativa) é utilizado no modo *irrealis*. Essa diferença de modo (indicativo ou subjuntivo) é mais um indicativo de que se trata, de fato, de duas diferentes instanciações, com diferentes motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas para seu uso. Dessa maneira, foi possível postular a existência de quatro *types* oracionais de *Exceto X*, conforme tabela a seguir.

**Tabela 2 – Frequência de *Exceto X* nos corpora utilizados**

<i>Exceto X</i>				
<i>Types</i>	O Dia	Isto É	Total	Percentual
<i>Exceto que</i>	2	3	5	11,1 %
<i>Exceto se</i>	7	5	12	26,7 %
<i>Exceto quando</i>	7	1	8	17,8 %
<i>Exceto + quando</i>	11	9	20	44,4 %
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>18</b>	<b>45</b>	<b>100 %</b>

A tabela 2 demonstra a frequência de uso da construção *Exceto X* nas quatro diferentes instanciações de uso. A análise dessa tabela nos revelou que a microconstrução *exceto + quando* é a de maior frequência *token*, fato inesperado, uma vez que não encontramos menção a esse conector nos compêndios analisados.

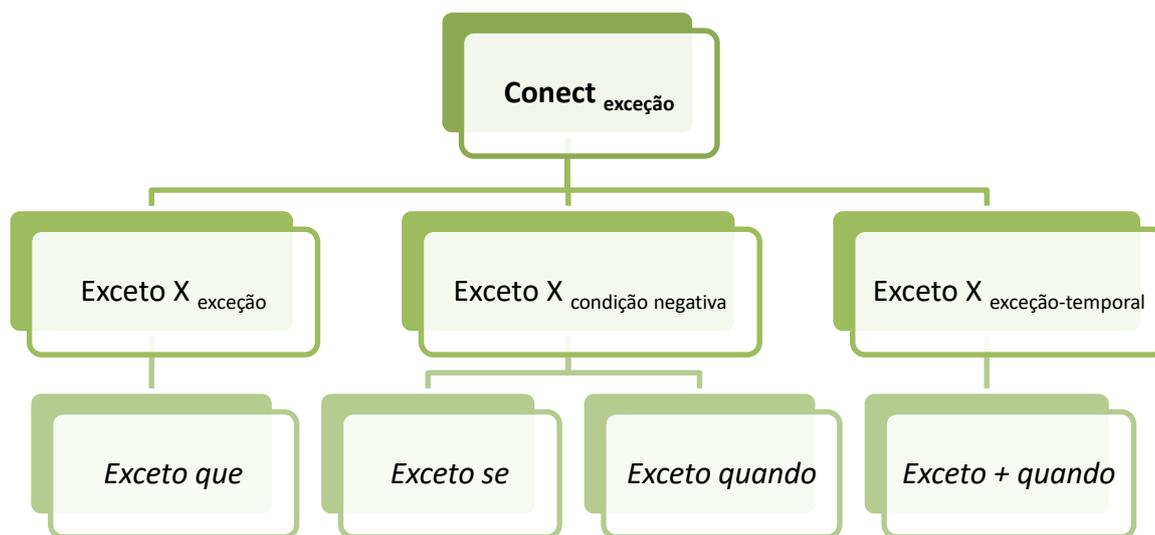
A partir dessa distinção entre os *types exceto quando* e *exceto + quando*, ficamos nos perguntando se as instanciações de *Exceto X* teriam o mesmo grau de vinculação. Chegamos à conclusão de que há entre os *types* diferentes níveis de composicionalidade, como podemos observar no seguinte *continuum*:



O conector *exceto que* está mais vinculado, ao passo que *exceto + quando* é menos vinculado, provavelmente, por ter mais peso e mais composicionalidade. Em uma futura continuidade desta pesquisa, pretendemos confirmar esta hipótese por meio de testes psicolinguísticos.

Com base nessas reflexões, é possível apresentar uma rede em que o *Exceto X* é apresentado em suas contrapartes formal e funcional:

### Esquema 1 – A hierarquia construcional de *Exceto X*



Diante da análise preliminar dos dados, chegamos a esse esquema da rede construcional de *Exceto X* oracional. Observando essa rede, constatamos que esse objeto de estudo espelha um grupo especial de orações, com uma vinculação sintática e semântica particular em relação às demais. Feitas essas observações gerais, vejamos cada um dos quatro *types* detectados.

#### EXCETO QUE

Cunha e Cintra (2001, p. 590) afirmam que há muitas conjunções compostas por advérbios, preposições e participios com a partícula *que*, formando as locuções conjuntivas. Todavia, eles não citam *exceto que* como uma delas, apesar de sua produtividade em língua portuguesa. Vejamos:

(01) "Os pés são também como os nossos, **exceto que** os dedos são ligeiramente curvados, o que significa que estariam adaptados para viver nas árvores e na terra". Em conjunto, este homem, de 1,50 metro e uns 50 quilos,

---

tem características de *Australopithecus*, mas é mais gracioso do que esta espécie, que se aproxima do homem. ([http://istoe.com.br/435950\\_NOVA+ESPECIE+DO+GENERO+HUMANO+E+DESCOBERTA+NA+AFRICA+DO+SUL/](http://istoe.com.br/435950_NOVA+ESPECIE+DO+GENERO+HUMANO+E+DESCOBERTA+NA+AFRICA+DO+SUL/), acesso em 18/07/2016.)

Bechara (2015, p. 491) admite *exceto que* como um transpositor complexo de oração adverbial, como acontece em nosso *corpora*. Em (07), verificamos que “dedos” retoma o termo “pés”. Essa anáfora é sancionada pelo uso do subordinador *que* junto a *exceto*. Esse tipo de composição sintagmática segue um modelo bastante produtivo em língua portuguesa, alinhado ao esquema X-que, em que um elemento (nominal, verbal ou adverbial) se combina com o elemento *que*. Lima-Hernandes (2010) defende que essa reanálise é resultado da pressão exercida pelos aspectos pragmáticos da interação comunicativa sobre os mecanismos sociolinguísticos (metonímia e metáfora). Ao longo da história da língua portuguesa, diversos conectivos foram sendo formados por meio da adjunção de nomes, verbos, preposições e advérbios ao *que*, considerado subordinador por excelência. Casos de *exceto que* comprovam que esse mecanismo de criação de novos conectivos permanece produtivo em língua portuguesa.

## EXCETO SE

Rocha Lima (1998), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (20015) não preveem o conector *exceto se* em seus compêndios. Moura Neves (2001, p. 18), por outro lado, admite a existência dele, que é marcado por uma circunstância condicional. Nesse caso, temos uma construção que amalgama dois matizes semânticos: exceção e condição. Vejamos:

(02) O Acordo de Confidencialidade representa, também, um “armistício”, a garantia de que a empreiteira não será mais alvo de novos “ataques” da Lava Jato, as operações especiais, **exceto** se algum executivo seu for flagrado na prática de novos crimes. (<http://istoe.com.br/acordo-de-confidencialidade-da-odebrecht-com-lava-jato-e-lo-passo-para-delacao/>, acesso em 17/07/2016.)

Em (16), temos além do conector *exceto se*, verbo no subjuntivo,

---

confirmando a presença da semântica condicional junto a de exceção. A união do matiz condicional a outras noções semânticas é um fato largamente atestado em diversas pesquisas empíricas. Por exemplo, Rosário (2012) investigou, dentre outros conectivos, os usos funcionais de *mesmo se*, que adjunge as ideias de concessão e condição. Essa ideia de aproximação das relações semânticas de causa, concessão e condição também é proposta por Kortmann (1997) e Raposo *et al* (2013).

## EXCETO QUANDO

Apesar de as orações com o elemento *quando* ter tradicionalmente um sentido de tempo, ao unir-se a *exceto*, adquire também um sentido condicional. Bechara (2015, p. 342) prevê que “em algumas construções, se pode alterar o sentido originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo”. É o que acontece com o *quando* unido a *exceto*.

(03) A lei classifica como “ilegítimo” o uso de arma de fogo contra pessoa desarmada e veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, **exceto quando** representarem risco de morte ou lesão aos agentes ou a terceiros. (<http://odia.ig.com.br/noticia/economia/2014-12-25/agentes-de-seguranca-publica-terao-novas-regras-para-uso-de-armas.html>, acesso em 20/08/2015)

O uso do conector *exceto quando* junto ao verbo no subjuntivo “representarem”, de fato, veicula uma noção de condicionalidade. Contudo, trata-se de uma condicionalidade negativa. Afinal, o *exceto* poderia ser parafraseado por “A lei classifica como ‘ilegítimo’ o uso de arma de fogo contra pessoa desarmada e veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, **SE NÃO** representarem risco de morte ou lesão aos agentes ou a terceiros”. Entretanto, apesar de a paráfrase ser possível, cabe um questionamento: Qual teria sido a motivação para que o falante utilizasse um conectivo bem mais complexo (*exceto quando*) para a veiculação de um conteúdo condicional, que poderia ter sido comunicado por meio de *se não*?

A resposta está na questão da intersubjetividade. O uso de *exceto quando* certamente carrega o discurso de uma forma mais expressiva. A intersubjetivização

---

consiste justamente na utilização de recursos linguísticos para atuação sobre o interlocutor, com vistas à sua adesão ou anuência (cf. ROSÁRIO, 2012, p. 131-132). Esse processo conduz a um verdadeiro reforço de informatividade (cf. CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 169), baseado em um processo metonímico de caráter inferencial. Essa necessidade discursiva pode funcionar como um verdadeiro motor para o aparecimento de novas formas gramaticais, o que é provável com relação a *exceto quando*.

### EXCETO + QUANDO

Como já foi falado aqui, temos nos *corpora* dois tipos de *exceto quando*. O primeiro tipo está representado pelo dado (03). Nele, o modo *irrealis* colabora com a mudança semântica de exceção + tempo para condição negativa, aproximando-se do conector *exceto se*. Outro tipo é o que temos em (04):

(04) O projeto de uma nova lei trabalhista, contra a qual são organizadas manifestações e greves há mais de dois meses, foi aprovado em primeira leitura sem a votação dos deputados, depois que o governo invocou um artigo da Constituição que permite a adoção de um texto sem debate ou voto parlamentar, **exceto quando** há uma moção de censura ao governo. (<http://istoe.com.br/franca-recorre-a-reservas-estrategicas-para-evitar-escassez-de-combustivel/>, acesso em 17/07/2016)

No dado (04), *exceto quando* é utilizado junto ao presente do indicativo “há”. Atestamos, em nossos *corpora*, que em casos como este, temos a união das semânticas de exceção e tempo, constatando, inclusive, que este tipo de *exceto quando* é mais composicional que o anterior.

Perez Quintero (2002), apesar de considerar que o sentido da primeira conjunção em *exceto quando* [*except when*] não é perdido, afirma que as orações instanciadas por esse conector devem ser classificadas pela semântica da segunda conjunção, nesse caso, temporal. Nós não concordamos com essa classificação. Se o sentido da primeira conjunção, no caso *exceto*, não é perdido, por que deveria ser ignorado? Postulamos que temos aqui um conector de exceção-temporal.

---

## Considerações finais

Neste trabalho, procuramos traçar, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), um panorama do conector *exceto*, analisando seus usos em *corpora* de textos de domínio jornalístico publicados entre 2000 e 2016. Apesar da pouca literatura sobre as orações de exceção nas gramáticas brasileiras, confirmamos a hipótese de que *Exceto X* é produtivo no português brasileiro, justificando a necessidade de uma descrição desse fenômeno linguístico.

Ao analisarmos nossos *corpora*, verificamos que a rede da construção Conect exceção apresenta quatro *types* oracionais com diferentes semânticas e graus de vinculação: *exceto que*, *exceto se*, *exceto quando*, *exceto + quando*. Constatamos, na pesquisa, que há semânticas adjungidas nos dados. Além do matiz semântico de exceção, encontramos nos dados o sentido de condição em *exceto se* e o sentido de condição e tempo, em *exceto quando*. Também foi possível verificar que os contextos de uso do conector *Exceto X* são marcados por forte intersubjetividade e por inferências sugeridas.

Portanto, esperamos que os resultados obtidos neste trabalho contribuam, principalmente, para um panorama da articulação de orações. Assumindo o *Exceto X* como um conector oracional de exceção, ampliamos, assim a metaclassa dos conectores de língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CASTILHO, Ataliba de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel Lingüística S.A., 1999.

---

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DECAT, Maria Beatriz *et al* (Org.). A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

FURTADO CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Mauro. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

GIVÓN, Talmy. Inter-clausal connections and discourse coherence. In: \_\_\_\_\_. *English Grammar: a function-based introduction*. Vol. 2. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. 1993.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_; CASENHISER, D. English Constructions. In: AARTS, B; MCMAHON, A. *Handbook of English Linguistics*. Blackwell Publishers, 2006.

\_\_\_\_\_. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. vol. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991.

---

KORTMANN, Bernd. *Adverbial Subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European Languages*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas x-que no português*. São Paulo, 2010. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 2010.

MARTELOTTA, M. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MOURA NEVES, Maria Helena. *Gramática de usos de português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. *A gramaticalização e a organização dos enunciados*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 13-22, 2º semestre 2001. Disponível em: [http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas\\_Scripta/Scripta09/Conteudo/N09\\_Parte01\\_art01.pdf](http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta09/Conteudo/N09_Parte01_art01.pdf)

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj.

PEREZ QUINTERO, Maria Jesús. *Adverbial subordination in English: A functional approach* (Language and Computers series 41). Amsterdam and New York: Rodopi, 2002.

RAPOSO, Eduardo Bozaglo Paiva et al. *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian. 2013.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA

---

LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de La Lengua Española*. Manual. Madrid: Espasa, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. A expressão da concessividade em construções do português do Brasil. Tese Doutorado, UFRJ, 2012. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/RosarioIC.pdf>. Acesso em janeiro/2017

TROUSDALE, Graeme. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: Trousdale and Gisborne, eds. *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p.33-67.